

A história de **RAUL FIGUEIREDO**  
o filho do famoso "Tamanqueiro"

DEPOSITO LEGAL  
NOV. 1957



**CRÓNICA**  
Desportiva  
N. 25

29 - SETEMBRO - 1957

Preço -- 1\$50

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO  
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA  
E IMPRESSÃO OFFSET DA  
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.  
RUA DA ROSA, 273, E 277 LISBOA TELEF. 20958

MÁRIO DE AGUIAR apresenta  
Todos os Domingos

## CRÓNICA DESPORTIVA

N.º 25 — 29-9-1957

Director e Editor: VASCO SANTOS

Redacção e Administração: Rua Saraiva  
de Carvalho, 207 — Telefone: 66 86 39  
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR  
& DIAS, LDA.—Distribuição da AGENCIA  
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-  
posto e impresso nas oficinas da E. N. R.  
(Anuário Comercial de Portugal)

# Ainda o caso das eleições na F. P. F.

A antecedência, por razões de ordem técnica, com que temos de confeccionar esta revista, inibe-nos de acompanhar «a par e passo», no campo da observação e crítica, a evolução dos acontecimentos. Os comentários que vão seguir-se, com a objectividade costumada nesta tribuna, foram traçados horas depois de termos ficado a par de toda a «engrenagem» que rodeou a última eleição federativa — todavia não a tempo de inserirmos no nosso número anterior. Mas não quisemos deixar de definir aqui o nosso ponto de vista.

Aliás, o que se verificou vem corroborar de algum modo os comentários que recentemente desenvolvemos acerca da orgânica futebolística, ou mais precisamente os inconvenientes da assembleia da F. P. F. ser constituída por Associações regionais e não por clubes. Proximamente voltaremos ao assunto. Por ora, limitemo-nos à apreciação do que se passou no Congresso do dia 14.

A série de controvérsias e lutas surdas que há semanas se arrastam em redor do preenchimento do lugar de presidente da Direcção da Federação Portuguesa de Futebol acabou por ter um epílogo manifestamente infeliz diante das urnas.

Houve Associações que assumiram um compromisso, empenhando a palavra dos seus dirigentes, através das assinaturas apostas em selos brancos — compromisso que não se respeitou.

Não foram todas que desrespeitaram essa regra elementar de educação, que deve ser timbre de qualquer desportista. Mas alguma, ou algumas, foi ou foram — que os números não mentem.

Deviam ter entrado, pelo menos, 54 votos a favor do candidato de Lisboa (e o indigitado podia saber se deviam ser no mínimo, 55, dado que também votou...), e só lá apareceram 47.

E deviam ser 54 porque correspondem aos votos que competiam ao grupo de Associações que tinham assumido o compromisso, com acta e tudo, de votar nos candidatos de Lisboa (assim como esta votaria nos das demais que entravam na combinação).

Essas Associações eram: Lisboa, com 19 votos; Setúbal, com 12; Porto, com 10; Braga com 7; e Évora, com 6.

Sabe-se já — a questão é do domínio público, que as más notícias se propagam com facilidade — que duas destas Associações voltaram com a palavra atrás. E uma terceira só não fez o mesmo porque o seu presidente — trata-se do dr. Amadeu Costa Rodrigues de Setúbal — manteve-se, até ao momento decisivo, escravo da sua palavra.

Valha-nos esta atitude digna, mostrando à opinião pública que faltar à palavra não é um acto comum na gente que dirige o futebol.

### A «MANOBRA» OBEDECEU A UMA PREMISSA FALSA

Sabemos — dentro do que nos foi possível averiguar, e com as reservas que a própria natureza do sufrágio justificam — que votaram no capitão Maia de Loureiro as seguintes Associações:

Lisboa (19 votos), Setúbal (12), Porto (10), Coimbra (4), Macau (1) e Ponta Delgada (1). Anote-se que as três últimas estavam fora do compromisso tomado para com os candidatos de Lisboa. Estas somam realmente 47 votos. Isto quer dizer que faltaram ao compromisso as Associações de Braga e Évora, as quais se juntaram às demais doze para votarem em

massa na lista-B, encabeçada pelo presidente cessante.

Os números apurados condizem com isto, dado que a lista B (à excepção do sr. Carlos Ramildes) rejeitou exactamente a diferença de votos que vai de 47 para 90, ou sejam 43.

É intuitivo que se Braga e Évora resolveram sacrificar a sua palavra (nestes casos a honorabilidade dos seus dirigentes e da colectividade confundem-se numa só personalidade) é porque julgaram que assim se juntavam ao grupo vitorioso.

Há duas explicações para o caso: ou confiaram que Coimbra (4 votos) optasse pela lista B, ou... julgaram que Setúbal navegava nas mesmas águas. Parece que esta última suposição é que os levou a tomar aquela grave decisão, tanto mais que dentro da própria Associação setubalense haveria directores a preferirem o binário Ferrari-Gil.

Foi pois baseado numa premissa falsa que se cometeu um lamentável atropelo às regras da lealdade, tanto mais de lastimar quanto é certo que é de cima que devem vir os bons exemplos...

#### A HIPÓTESE DE IMPUGNAÇÃO

Apesar de tudo esta tentativa de conservar o ten.-cor. Ferrari e o dr. Gil na F. P. F. e reconduzir o antigo vice-presidente, dr. Carlos Costa, tinha remotas hipóteses de triunfar. Quando muito poderia originar uma grave crise no futebol, nas principais regiões.

É que à letra do Estatuto, o ten.-cor. Angelo Ferrari necessitava da autorização da sua Associação (Lisboa) para se candidatar, bem como o dr. Carlos Costa por parte da A. F. Porto. Diz-se, mesmo, que esta última Associação já tinha preparado o pedido de impugnação se acaso venesse a lista B.

Por outro lado, diz-se que a A. F. L. tendo conhecimento da lista B e não a impugnando logo, que facilmente a autorizava. Quem cala, consente...

Todavia, julgamos saber que o cap. Maia de Loureiro não consentiria ser eleito mediante a impugnação da vitória do seu rival.

São inculcáveis as consequências da impugnação, se se tivesse escolhido ou que escolher esse caminho...

O PASSADO DO CAP. MAIA DE LOUREIRO NÃO MERECEIA ESTE XEQUE

Com a mesma imparcialidade com que temos apreciado as várias facetas desta questão, temos de reconhecer que o cap.

Maia de Loureiro foi eleito em condições muito precárias.

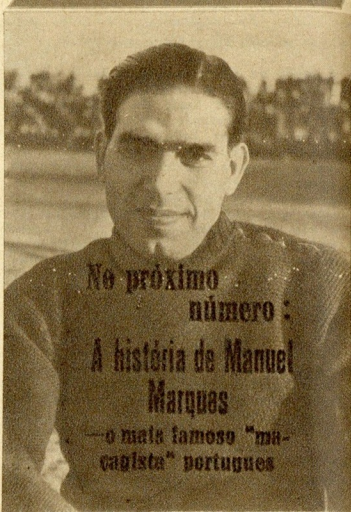
Com efeito, só Lisboa, Coimbra, Macau (representada por um futuro colega de Direcção, o eng. Themudo Barata) e Ponta Delgada (representada pelo próprio Maia de Loureiro) votaram no homem.

Porto e Setúbal votariam ou não, pois estavam ligadas ao compromisso de votarem incondicionalmente nos candidatos indicados por Lisboa.

Votaram no seu rival nada menos de 14 Associações, o que, apesar de contarem com menos votos (menos 4, aliás) não deixa de constituir uma força apreciável no âmbito do futebol nacional.

Só um homem de rija tempera se arriscaria a enfrentar a situação, tal como ela se apresenta, inclusive cheia de escolhos e ciladas...

O tempo assume neste problema acção preponderante e benéfica. Talvez que dentro de algum tempo — quando a bonança suceder à tempestade — já poucos se lembrem deste desagradável xeque, que o passado prestigioso e os muitos bons serviços ao futebol de Maia de Loureiro não mereciam.



No próximo número:  
A história de Manuel Marques  
—o mais famoso "mácapista" português



Quando  
o Belenenses  
e o Sporting  
se defrontam  
todos os  
resultados  
são possíveis...



Embora a tradição, e sobretudo o volume das massas associativas levem a considerar o Sporting-Benfica o «derby» do futebol nacional, a verdade é que os jogos entre o Belenenses e o Sporting têm proporcionado algumas das mais belas páginas da história do nosso futebol, como expressões máximas de jogos renhidos, ténicamente bem disputados e de resultados emocionais.

Investigando o «palmarés» dos dois clubes, verifica-se que no antigo campeonato de Portugal apenas se gladiaram duas vezes na final. Foi na época de 1932-33, a primeira, tendo vencido os «azuis» por 3-1, e na época de 1935-36, ganhando então os «leões» também por 3-1.

É curioso evocar a constituição das equipas quando vencedoras:

**1933 — Belenenses:** Morais; José Simões e João P. Belo; Joaquim de Almeida, Rodrigues Alves e César de Matos; Alfredo Ramos, Heitor Nogueira, Rodolfo Faroheiro, Bernardo Soares e José Luís.

Colos de: Rodolfo (2), José Luís e Abrantes Mendes (Sporting).

**1936 — Sporting:** João Azevedo; João Jurado e Vianinha; Correia, Rui Araújo e António Faustino; Abrantes Mendes, Pedro Piresa, Manuel Soeiro, Adolfo Mourão e F. Lopes.

Colos de Faustino, Piresa (2) e Rafael (Belenenses).

\*

Como já temos referido, o campeonato nacional da I Divisão principiou na época de 1938-39, porquanto a Liga não concedia esse título.

Nesse primeiro campeonato, os «zuis» foram batidos em toda a linha pelos «leões», e de ambas as vezes por 2-0.

Em 1939-40 ainda o Belenenses pouco conseguiu: derrota 4-1 no Lumiar e 0-0 nas Salésias.

Em 1940-41, porém já o caso mudou de figura. Perdendo, é certo, no «solar dos leões» por 3-1, ganhou em Belém por... 5-1.

Duas vitórias do Belenenses em 1942 (o que é raríssimo), foram a nota sensacional desse campeonato em que o Benfica ganhou por margem apreciável (quatro pontos). Os resultados: 3-1 e 4-1, em casa e fora.

Depois, em 1943, o Sporting venceu por 2-1, mas

**Soeiro observa a «cabeça» de Bernardo — um jogo disputado em 1936**

foi perder em Belém por 5-0. Desforra dos «lões» em 1944, ao vencer os «azuis» por 6-1, empatando nas Salésias (1-1).

Em 1944-45, foi a vez do Sporting de ganhar dois jogos, como no primeiro ano de campeonato; 2-1 em casa e 4-2, fora.

O campeonato de 1945-46 foi grande, para o Belenenses. A única vez em que se sagrou campeão nacional da I Divisão.

Nessa memorável prova, os «azuis» apenas perderam dois jogos: contra o Benfica e Olhanense, ambos por 2-0. E empataram duas vezes: Atlético... e Sporting. A marca 1-1 foi no campo «leonino», pois nas Salésias venceram por 2-1.

A partir de então foi o reinado do Sporting, apenas interrompido uma vez até 1954.

Neste período eufórico para os «leões» foram justamente os belenenses os mais difíceis adversários. Repare-se nos resultados (em primeiro lugar no Lumiar):

1946-47 — Sporting vence por 3-0 e perde por 2-0.

1947-48 — Empate 4-4 e vitória do Belenenses por 3-2.

1948-49 — Vitórias «leoninas» por 5-1 e 4-1.

1949-50 (Campeonato ganho pelo Benfica) — Vitória dos «leões» por 5-1 e do Belenenses por 1-0.

1950-51 — Vitórias do Sporting por 6-2 e 3-2.

1951-52 — Empate 1-1 e triunfo do Belenenses por 4-3.

1952-53 — Vitórias «leoninas» por 3-2 e 3-1.

1953-54 — Uma vitória para cada lado, por 4-0 e 2-0, respectivamente para o Sporting e Belenenses.

**Mourão lutando contra a defesa azul**



1 Este golo não conseguiu o grande Azevedo evitar...

2 Serrano repele a bola, antecipando-se a Quaresma

3 Uma entrada fulgurante de Bernardo

4 Dyson soca o esférico enquanto o jovem Peyroteo (que se estreara pouco tempo antes) se eleva com facilidade

\*

Desde 1954-55 que nem um nem outro ganharam o Torneio máximo. O Belenenses esteve quase. Mas o Sporting «não quis»... Como então se disse, os «leões» reservaram para si o direito de escolher o seu sucessor. O episódio deu-se na última jornada, nas Salésias. Se vencesse, o Belenenses era campeão. Pois, a três minutos do fim, os «azuis» ganharam por 2-1... Estralejavam já foguetes quando Martins, do Sporting, assinou a sentença de morte. Toda a assistência partidária dos «azuis» ficou estarecida. Quando pouco depois o encontro terminou, o empate foi saudado com lágrimas e lamentações.

Resultados dessa época: o Belenenses venceu fora por 2-1 e empatou por 2-2. Em 1955-56, houve uma vitória por 2-1. Na época passada, na 8.ª jornada, registou-se empate 2-2, tanto em Alvalade como no Restelo.

Como se poderá observar, tem existido grande equilíbrio entre «leões» e «azuis». Manter-se-á no jogo que disputarão dentro de horas? Veremos...



Quatro figuras gradas namorando a bola: Peyroteo, Rodrigues Alves, Simões e Bernardo



Carlos Gomes foi mais lesto que Mário Rui. Observam Passos e Juveral



A bola esconde-se atrás das costas de Castela e para ela se lança Sérgio. Travassos estaca...



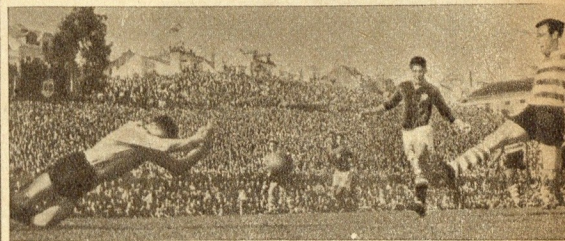
A bola parece fugir a José Pereira, Pires e Travassos...



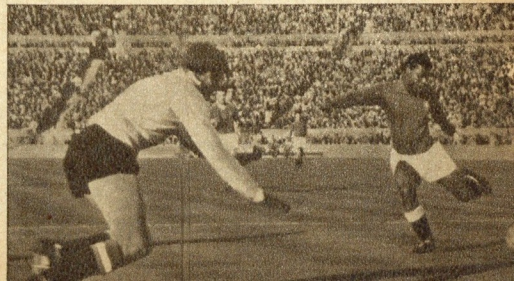
Duelo-José Pereira-Martins



Frente a frente o melhor rematador e o melhor guarda-redes — perspectiva que se repete hoje!...



Remate de João Martins — o jogador que em certa tarde «não deixou» o Belenenses ser campeão.



# "NÃO CHEGUEI A JOGAR CONTRA O SPORTING NA 1.ª DIVISÃO NEM NAS LIGAS"

esclarece **Augusto Silva**, o "leão de Amsterdão"

— Sporting-Belenenses... Belenenses-Sporting...

Ah! Grandes jogos que esses eram!...

E uma sombra de saudade espelha-se no rosto do antigo «leão de Amsterdão». Interrogamo-lo:

— Diga-nos Augusto Silva. Quais os factos mais salientes desses tempos em que jogava contra o Sporting?

— Dos meus tempos de jogador só posso citar os encontros do campeonato de Lisboa. Quando veio o Campeonato das Ligas, tinha eu abandonado. Alguns encontros também do campeonato de Portugal e... pouco mais.

Pedimos:

— Fale desses encontros...

O «clima» era quase o mesmo que hoje se nota. Embora os adeptos fossem menos, o entusiasmo que exteriorizavam compensava. Entre nós, jogadores, era certo e sabido que na semana anterior ao jogo, quase nem dormíamos.

— E invariavelmente, quem levava a melhor?

— As equipas nivelavam-se muito nessa altura. Eram jogos de arrasar...

— Nivelamento esse que a dada altura motivou dois resultados que ficaram históricos?

Augusto Silva, compreendeu a ironia e retorquiu:

— Foram resultados absolutamente anormais. Da primeira vez, uma tarde feliz permitiu ao Belenenses alcançar os 6-0 e no domingo seguinte foi o «favor» desse resultado por 9-0. Os jogadores do Sporting devem ter entrado no terreno, lembrando-se demasiado do insucesso anterior e... também dessa vez tudo começou a correr bem para o Belenenses, claro, que depois, a desorientação deles ditou o resto.

Adiantámos:

— Agora defrontam-se de novo «azuis» e «leões». Dado o esforço do seu clube na presente época, Augusto Silva mantém esperanças no título?

— Nós não podemos viver de esperanças, meu amigo. Essas são para os sócios.

Nós temos é que viver de realidades. Esta época ainda não vi o Belenenses em acção. Sei do esforço empreendido. Se ele será ou não bem sucedido, só o futuro o dirá.

— E o Sporting?

— Também não o vi ainda jogar. No momento só vi ainda o Benfica, e, deixem-me que lhe diga, que está uma senhora equipa. Aquele jogo com o Barcelona não esquecerá facilmente.

— Quer dizer que elege o Benfica como favorito do campeonato?

— Isso seria adivinhar muito, tanto mais que os quatro grandes do nosso futebol a jogarem uns com os outros, não são equipas para normalmente, se mimosarem assim. Conhecem por demais o jogo uns dos outros e nestas circunstâncias os resultados são sempre de prognóstico difícil, e, conseqüentemente, os vencedores dos campeonatos, também não são fáceis de prognosticar.



Uma vez marquei  
um golo  
quando  
o empate  
já parecia  
certo!..

## — recorda **CARLOS CANÁRIO**

Carlos Canário, um dos mais inteligentes jogadores portugueses, e que no Sporting se manteve durante 13 anos, de 1938 a 1951, fala-nos hoje do embate de amanhã no Restelo, e de algo, do seu brilhante passado de jogador.

— Dizer-lhe quantas vezes defrontei o Belenenses ao longo da minha carreira, é tarefa assaz difícil, de momento. No entanto, não devo andar longe da verdade se lhe disser que devo ter defrontado os «azuis» perto de trinta vezes. Claro, que em muitas delas os resultados foram-nos desfavoráveis, no entanto a «talhada de leões», deve pertencer ao Sporting.

— E momentos particularmente gratos para si?

— Lembro um jogo que o Sporting venceu por 2-1 mercê dum golo que obtive quando o empate era dado como certo.

— E dos seus adversários desses tempos quais os que temia mais?

— O defesa Simões, o médio Amaro e uma célebre linha avançada que era de pôr a cabeça doída a qualquer. Franklin, Elói, Gilberto, José Pedro e Rafael. Depois entrou o Quaresma e o quinteto continuou a acertar na mesma.

— E quanto ao jogo do Restelo?

— Prevejo que deve ser luta equilibrada. Por enquanto não posso fazer ideia segura porque agora é que o campeonato vai entrar na fase que poderá esclarecer alguma coisa. Tanto Sporting como Belenenses empreenderam notável esforço esta época e desta forma o resultado apresenta-se problemático.

— Mas não confia...

— Não. Confiar não confio. Gostava sim que o Sporting ganhasse... se pudesse «er conquistasse o título. Teria com isso uma grande alegria. Veremos...



SUAREZ



LUIS



FAIA

## Esta semana fazem anos...

Alguns «ases» da I Divisão fazem anos na primeira semana de Outubro, como se verifica:

Hoje (dia de jogo importante para o seu clube); **Vitoriano Suarez Montero**, natural de Redondela (Espanha), nascido em 29 de Setembro de 1930. Faz 27 anos portanto. Veio do Hercules de Alicante para o Sporting da Covilhã em 1955-56 e esta época passou para o Belenenses.

No dia 1 festejam o aniversário Faia e Luís, ambos de clubes do Barreiro.

**Luís Natividade Lopes Clerigo** nasceu em 1930, em Montemor-o-Novo e principiou a sua carreira no Grupo União, de 1948-49 a 51-52. Está na Cuf desde 1952-53.

**João Júlio Almeida e Silva** (Faia) nasceu no Barreiro em 1952, pelo que perfaz 25 anos.

Com excepção das épocas de 1954-55 e 56 em que alinhou na Académica, tem representado o Barreirense. Foi internacional B e Militar.

No dia 4, sexta-feira, há três «ases» que festejam **veira Bispo**, em Lisboa. Foi junior do Benfica em 1951-52, senior do Arroios em 1952-53, e do Arroios em 1952 a 56. Joga desde 56-57 na Cuf.

No dia 4, sexta-feira há três «ases» que festejam o aniversário. O mais velho é **António Correia Leitão**, o capitão do Oriental, clube que representa desde a fundação (1946). Antes foi junior do Fósforos (1944-45-46).



LENINE



BISPO



LEITÃO



AMORIM



GALAZ

Depois temos o **Fortunato Pereira Amorim**, nascido em Lisboa em 4 de Outubro de 1930. Junior do Belenenses em 1947-48-49, manteve-se em Belém até 1953-54, representando parte da época de 54-55 o Lusitano. Em 1955-56 transferiu-se para o Caldas.

**João José Galaz Abreu Pimenta** — o «novo» defesa central do Sporting — nasceu em Lagos em 4 de Outubro de 1931. Faz 26 anos, pois.

Clubes representados: 1948-49-50 — Portimonense; 1950-51-52-53 — V. Setúbal; desde 1953-54 — Sporting. É internacional B e Militar.

Finalmente, no próximo sábado, completa 26 anos o jogador do Caldas, **Lenine Vidal Pereira**, que foi do Casa Pia, de 1948-49 a 1954-55.



## SABE QUE EQUIPA É ESTA ?

Já não existe este clube de futebol. No entanto, a sua equipa não era das piores. Na turma que apresentamos figuram alguns jogadores de grande categoria: o Carlos Pereira (quinto de pé), o Travaços e Armando Carneiro (no lugar de interiores)...

Sabe de que equipa se trata, leitor amigo? E em que ano expirou a sua actividade?

## SEREIAS VELOZES

Estas três jovens holandesas acabam de bater no mesmo dia o «record» mundial dos 1500 metros (no estilo livre) em Hilversum, próximo de Roterdão.

O «tempo» antigo era de 20 m. 22 s. 8/10. Pois as três holandesas conseguiram: Jane Koster (ao centro) 20 m. 3 s. 1/10; Corsis Schimmel, à esquerda 20 m. 3 s. 7/10 e Judith de Nijs 20 m. 16 s. 2/10.

Não era de pôr em foco?



# RICHARD JOE

O NOVO PRESIDENTE DA LIGA INGLESA DE FUTEBOL  
PRETENDE REVOLUCIONAR O FUTEBOL BRITANICO

« — Mil novecentos e cinquenta e sete é o ano da decisão para o futebol britânico» — afirmou Richards Joe, o novo presidente da Liga, perante os responsáveis do futebol inglês no dia da sua posse, em Junho do ano corrente.

E Mr. Joe completou o seu pensamento quando numa reunião privada declarou: «Se deixarmos cair o futebol inglês no descrédito, perderemos todo o respeito e toda a confiança do povo».

E Mr. Richards tem, pelo futebol verdadeira «doença», e tudo que possa afectar o seu prestígio e ameaçar a sua expansão, é para ele, motivo para ansiedade. Certos factos que se passaram nos últimos doze meses foram o «brado de alerta» para se procurar o remédio eficaz para o mal que corrompe o prestigioso jogo das multidões.

Entre eles, aparece no primeiro plano da discussão, o recente caso do Starstudded Sunderland, que foi multado em 5.000 libras e alguns dos seus directores irradiados ou suspensos — entre eles o presidente do Clube — por ter pago por «baixo do balcão» luvas aos jogadores; a transferência para clubes italianos dos «ases» John Charles e Tony Marchi; e a deserção dos campos de futebol nas últimas oito épocas de cerca de nove milhões de adeptos (em 1948-49 assistiram aos jogos 41.271.414 espectadores e em 1956-57, 32.744.405, o que dá uma diferença para

Mr. Richards Joe, novo presidente da Liga de Futebol Inglês

- ★ PAGAMENTOS LEGAIS DE PRÉMIO DE TRANSFERÊNCIAS
- ★ A DESERÇÃO DE JOHN CHARLES E TONNY MARCHÉ
- ★ MENOS 9 MILHÕES DE ESPECTADORES QUE HÁ OITO ÉPOCAS
- ★ QUASE METADE DOS CLUBES DA LIGA COM SALDO NEGATIVO DE RECEITAS
- ★ REVISÃO DE ORDENADOS DOS PROFISSIONAIS INGLESES DE FUTEBOL
- ★ SUPORTARÁ O FUTEBOL INGLÊS OS NOVOS ENCARGOS?



Readquirir o prestígio do Futebol inglês, e com ele, fazer regressar os nove milhões de entusiastas que deixaram de assistir ao seu jogo favorito, foi o ponto-base das propostas de Mr. Richards Joe

menos de 8.527.109), com a respectiva quebra nas finanças dos clubes, pois um relatório recentemente publicado mostra que dos 92 clubes da Liga só 48 tiveram saldos positivos, enquanto os outros 44 apresentam um «déficit» que totaliza 275.000 libras; e finalmente libertar o futebol da «escravidão» dos ordenados dos jogadores.

Pelos antigos contratos o jogador podia ser transferido para outro clube por somas avultadas, no entanto o transferido apenas recebia 10 libras. Esta situação levou certos clubes aos pagamentos ilegais (por «baixo do balcão» como sucedeu no caso do Sunderland que deu avultadas quantias como suplemento às «oficinas» 10 libras da transferência) e pode levar muitos dos melhores elementos ingleses a seguir o exemplo de John Charles, que recebeu 35.000 libras e o seu clube, o Leeds United, 30.000.

Sobre a questão dos ordenados a União dos jogadores reclama que eles não estão de acordo com as receitas que o atleta proporciona e o prazer que transmite ao espectador, que assistem aos jogos.

Estes foram os graves problemas que o novo Presidente da Liga teve de resolver, para que o futebol na Inglaterra readquirir o prestígio perdido nos últimos anos. Porém, Joe Richards, consciente das suas responsabilidades imediatamente após ter tomado a direcção dos destinos do futebol, procurou tratar todos estes problemas de frente e com inteligência conseguiu uma revisão dos ordenados e prémios dos jogadores, que passam a ser: 17 libras por semana (cerca de 1.300\$00) acrescido de um prémio de 4 libras por vitória (320\$00) e 2 por empate, mais adicional de 2 libras se o encontro for televisado (160\$00). Além destes prémios todo o futebolista que se mantenha em actividade durante dez anos ao serviço do mesmo clube receberá 1.000 libras (80 contos, aproximadamente) em vez das 750 que recebia até aqui.

Os jogadores internacionais terão um prémio especial de 50 libras (4.000\$00) por jogo em que tomem parte (os quais se realizam quase todo o ano) o que dá uma média de 22 a 25 libras semanais. Muitos dos clubes fizeram oposição ao projecto por não estarem em condições de suportar os novos encargos, mas para Richards Joe esta é a única solução, de momento, para tão graves problemas que afectam o «Desporto-Rei» na sua própria pátria.

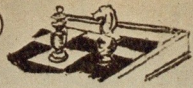
## SOLUÇÕES DOS PASSATEMPOS DESTE NÚMERO

**XADREZ** — 1. Dd3. Variantes principais: Cc4; 2. Cc5. Se Tc4, Dd5, Se Tc-c5, Dd7. **DAMAS** — 15-2, 28-31, 2.9, 24-20, 19-22, etc. Se 31-28, 9-31.

**PALAVRAS CRUZADAS: Horizontais** — 1 — Gato, anil; 2 — Er, usara, al; 3 — Riga, urro; 4 — Ala, boa, Eva; 5 — Morar, lotas; 6 — Crâmulo; 7 — Graus, garfo; 8 — Aal, ama, tal; 9 — Mios, Faro; 10 — Ao, obret, ir; 11 — Sola, Maia. **Verticais** — 1 — Eram, Gama; 2 — Crilo, Raios; 3 — Gargalo; 4 — Tua, aru, sol; 5 — Os, brasa, ba; 6 — Ano, mar; 7 — Ar, aluga, em; 8 — Nau, ola, fia; 9 — Retorta; 10 — Larva, Faria; 11 — Loas, olor.

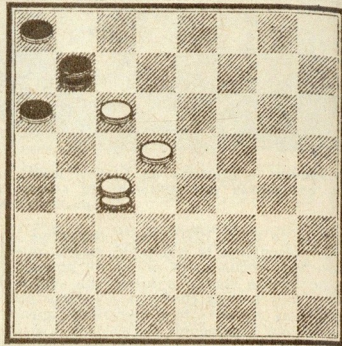
**FOTO-ENICMA** — Equipa da Cuf de Lisboa, 1947.





## DAMAS

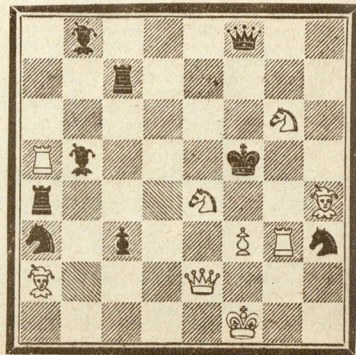
JORGE G. FERNANDES



Jogam as brancas e ganham

## XADREZ

J. Pérís



Mate em dois lances

## PALAVRAS CRUZADAS

★	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

**HORIZONTAIS** — 1 — Jogador do Estoril; Substância que tingi de azul. — 2 Símbolo químico do érbio. Trajara. Símbolo químico do alumínio. 3 — Capital da Letónia. Rugido. 4 — Fileira; Gibóia; Pr. meira mulher. 5 — Residir; Lugares onde se arremata o peixe à chegada dos barcos de pesca. 6 — Pequeno grão. 7 — Medidas; Forquilha das rodas de bicicleta. 8 — Nome de uma árvore cuja casca serve para aromatizar o vinho; Mulher que cria uma criança alheia; Promove. 9 — Vozes de gatos; Cidade Portuguesa. 10 — Prej. e Art.; Fabriquei; Distar. 11 — Cambão a que se atrelam os bois quando o carro ou o arado exige mais de uma junta; Antigo atleta internacional.

**VERTICAIS** — 1 — Estavam; Jogador da primeira divisão de futebol. 2 — Jogador do Barreirense; Antigo internacional de futebol. 3 — Parte superior e estreita da garrafa. 4 — Ave pernalta da África; macaco; planeta. 5 — Art. pl.; Ardência; Símbolo químico do bário. 6 — Espaço de tempo; oceano. 7 — Clima; arrenda; preposição. 8 — Embarcação grande; remoinho de água; Confia. 9 — Antigo dirigente do Benfica. 10 — Lagarta; Atleta internacional. 11 — Elogios; aroma.

Já alguém chamou um dia aos «ases» do volante os loucos da estrada.

Na realidade, nenhum outro desporto exige maior temeridade do que o automobilismo.

A loucura da velocidade está na pele dos automobilistas que, mau grado o perigo que correm, arriscam em cada prova a sua vida em busca de uma glória que nem sempre chega e de fortuna nem sempre compensadora.

A história da modalidade está cheia de capítulos tristes. Mas nada os faz arripiar caminho. A sua ânsia de vitória, de velocidade, não tem limites.

...E há sempre público para os encorajar, para os aplaudir — para os lamentar.

No automobilismo, todavia, o arrependimento nunca chega. Os anos passam e a loucura só finda com a morte.

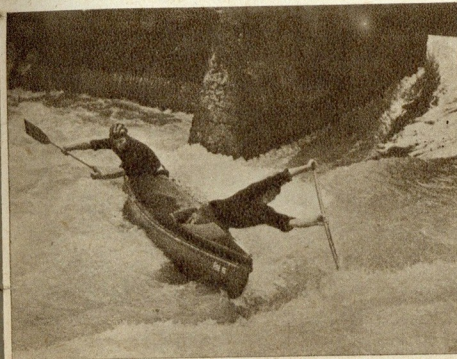


## Os loucos da estrada... ...e do rio...

E nós admirados com a loucura dos homens do volante!... E que dizer destes? Não serão tão loucos como os outros? Não desafiarão, brincando com a água revolva, o perigo e consequentemente a morte? É evidente que sim. Mas a glória desportiva tudo faz esquecer.

Trata-se, aqui, dos dois canoístas alemães, Fritz Roseberg e Kurt Menzel, que se preparam para os campeonatos do Mundo na difícil ribeira de Augsburg, de tumultuosas águas.

Contudo, ao apreciarmos os movimentos de equilíbrio, somos obrigados a confessar que eles percebem do assunto.



# Do album de

# CORREIA DIAS

Correia Dias foi em dado momento um caso sério no futebol português. Dadas as suas características muito pessoais, combativo, bom dominador do esférico, e acima de tudo um rematador terrível (os seus remates levavam a força que lhe era imprimida pelos 110 quilos que Correia Dias pesava), o homem que durante muitos anos comandou a linha avançada do F. C. Porto, chegou a dar muito que falar...

Entre ele e Peyroteo estabeleceram-se termos de comparação e jogo em que ambos entrassem tinha o atractivo do despique da potência física e do golo.

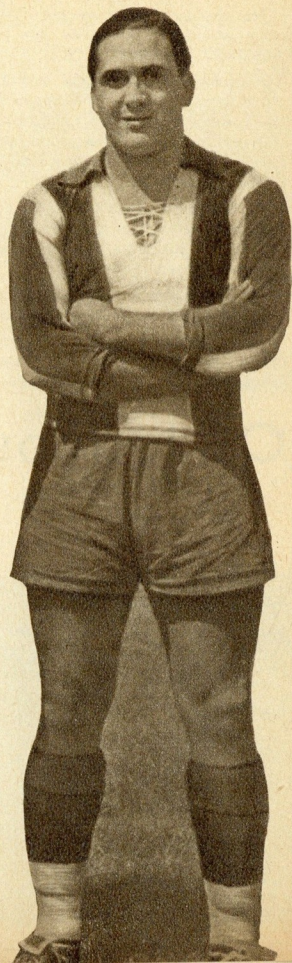
Actualmente, aquele que consideravam o «tanque da linha avançada portista», manteve-se distante do futebol, que deixou vai para três épocas. Em Ovar, onde nasceu a 24 de Março de 1919, limita-se a dirigir os traba-

## O mais pesado «ás» do futebol português

lhos da sua fábrica, actividade que jamais desprezou nos seus tempos de jogador.

Correia Dias começou a jogar oficialmente na época de 35/36 pelo Ovarense, transferiu-se em 38/39 para o F. C. Porto, clube onde conheceu muitas glórias, uma das quais, não esquecerá decerto: a da célebre jornada contra o Arsenal, em que marcou. Em 48/49, achou que já não poderia corresponder às exigências do clube portista e regressou ao Ovarense, onde alinhou até final da época de 1954.

Mas os seus antigos admiradores não esqueceram as suas espectaculares e irresistíveis arrastadas para a baliza, que até faziam lume quando alguém se atrevia a barrar-lhe o caminho...



O resultado do choque só podia ser este...



Em luta com a defesa do Boavista



Entrando irresistivelmente pela baliza dentro



A energia do fogoso avançado-centro em luta com um adversário



Um remate com a marca «Correia Dias»

A esquerda: Dois ovarenses de se lhes tirar o chapéu: Correia Dias e Capela



FIGURAS GRADAS DO ÚLTIMO

# INGLATERRA • RÚSSIA

em atletismo!



Em cima: Otkalenko, recordista mundial dos 800 metros e 880 jardas, respectivamente com 2 m. e 5 s. e 2 m., 6 s. e 6/10, pouco antes de entrar na prova de 3 x 800 metros, cuja equipa triunfou no tempo de 6 m., 3 s. e 8/10

À direita: O jovem Igov Kashkavov (uma das revelações das Olimpíadas de 1956) vencedor do salto em altura com 2,11, em igualdade com o seu compatriota Stepanov — actual campeão do mundo



O Torneio de Atletismo Inglaterra-Rússia, efectuado em Londres há pouco mais de um mês, foi seguido com muito interesse em todo o mundo, não só pelo facto de a equipa visitante ser constituída por alguns dos mais conceituados atletas (entre eles alguns recordistas mundiais), mas também para ver até que ponto ia a réplica dos atletas britânicos.

Como aliciente havia ainda o facto de o último encontro entre as duas equipas realizadas em White City não haver terminado, por abandono dos russos, desistência motivada pelo «caso» de Nina Ponomoreva. Outro factor de interesse e que foi registado com bastante satisfação foi a par



O inglês Kenwood corta a meta em fulgurante «sprint», nos 1.500 metros com o tempo de 3 m. e 46 s.

Vladimir Kuts Mosen estilo característico dominou naturalmente nos 10.000 metros, que percorreu em 29 m., 13 s. e 2/10

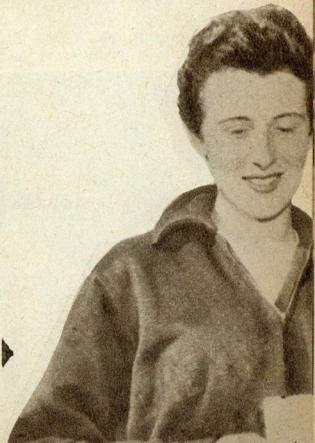
Jovdon Pivie, vencedor dos 5.000 metros, distância percorrida em 13 m., 58 s. e 6/10, mostrou mais uma vez a sua excepcional classe

dos atletas consagrados terem emparceirado muitos jovens, que aliás deram boa conta de si. Embora a vitória russa fosse antecipadamente esperada, os ingleses tiveram comportamento extraordinário, — mesmo superior ao que deles se esperava em muitas das provas em que saíram vencedores — deu à competição uma emoção que nem a chuva impertinente que caiu fez esmorecer. Assistiram às provas cerca de 70.000 espectadores que seguiram com entusiasmo todos os acontecimentos e a sua expectativa não foi iludida.

É certo que não se derrubaram «records» mundiais como se esperava, mas melhoraram-se, pelo menos, alguns britânicos.

O resultado final deu a seguinte pontuação:  
**Homens:** Rússia, 119 pontos; Inglaterra, 93.  
**Mulheres:** Rússia, 119; Inglaterra, 40.

Thelma Hopkins, campeã britânica do salto em altura e segunda classificada nos Jogos Olímpicos de 1956, deu com a sua presença extraordinária animação à prova da sua especialidade, em que se classificou no segundo lugar com 1,62 m.



# FESTA NO PAÍS BASCO

nós. Consiste em enviar contra um frontão (há frontões por toda a parte, no País Basco) uma bola saltitante. Cada jogador, tem no braço enfiada uma «chistera», género de luva ponteaguda. É assim que os jogadores, de camisa e calças brancas se entregam entusiasticamente a renhidíssimas partidas, algumas das quais chegam a durar 2 horas e mais.

A equipa infantil do A. C. Biarritz calcando as suas gigantescas luvas



A zona basca da França, pitoresca, garrida, alegre e bela estende-se de Sare a Hendaia e corre toda uma costa maravilhosa, plena de encantadoras praias, que o turista romântico e de bom gosto não troca por quaisquer outras.

Ora, nessa região, denominada Pays Basque, a tourada é uma rainha sem valor, em confronto com o célebre jogo a que chamam, orgulhosamente, os seus ídolos... Pelota Basca.

É um desporto algo complicado para a contagem é feita como no tenis.

A pelota basca desfruta, na região, de uma popularidade extraordinária. Os miúdos dedicam-se com mais entusiasmo a ela, mal entram na escola, do que às touradas, ao futebol, ao rãguebi ou a qualquer outro desporto. A pelota basca é a sua aixeão. É aliás, a grande paixão de todo o basco francês que se preza.

Este é Michel Loustalot — um «barra» neste pitoresco desporto.



Durante os campeonatos, renhidíssimos, pois toda a região está cheia de clubes, as assistências atingem muitos milhares de pessoas. Nalgumas terras, há frontões nas praças públicas, pelo que se pode avaliar da preponderância de tal desporto.

Mas a «festa» é mais luminosa no dia da final. A cidade escolhida para teatro de tão grandioso espectáculo veste as suas cores mais garridas e as raparigas vêm para a rua dançar e cantar a «Faran-dola».

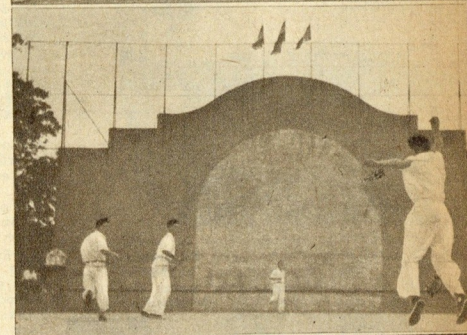
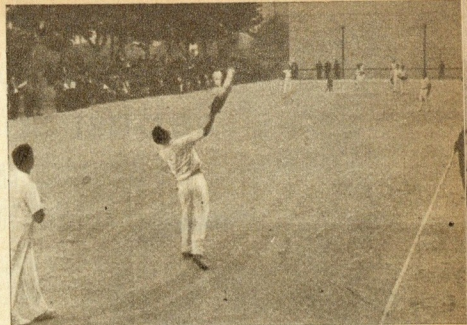
Sobem foguetes e morteiros. Há fogos de vista... Há música... E, à meia-noite... há tourada.

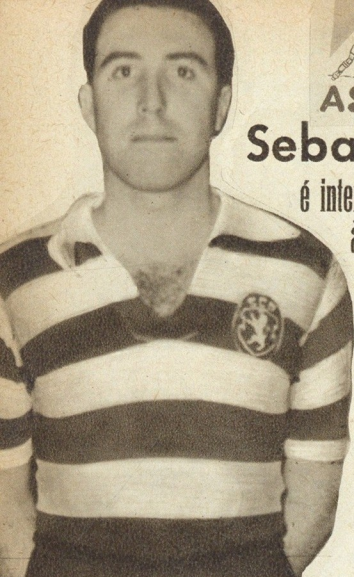
A «fiesta» atrai ao País Basco milhares de pessoas de todo o Mundo, mas o basco é pouco espectacular para com os outros. Faz a festa só para ele. E tudo isto porque a Pelota Basca, seu desporto favorito, só por eles é compreendida e amada.

EM CIMA: Uma fase da «pelota basca».

AO CENTRO: Por vezes joga-se com as mãos nuas.

EM BAIXO: Epílogo da festa basca: tourada e fogos à meia-noite.





ASES QUE NÃO SÃO ÍDOLOS

## Sebastião de Carvalho

é internacional de pingue-pongue, mas o futebol às vezes, ainda lhe dá mais prazer

Sebastião de Carvalho, um dos melhores pingue-ponguistas nacionais é também jogador de futebol. Não tão bom futebolista como jogador de pingue-pongue, claro. No desporto da raqueta pede meças aos melhores. É "internacional"... por pertencer ao velho Clube Internacional de Futebol...

E pertence ao C.I.F. porque... se ele é do Sporting? O episódio é curioso.

Sebastião de Carvalho, como quase todos os rapazes que frequentam o liceu, gostava de jogar a bola. Nunca pensou ser às de primeira grandeza, mas agradava-lhe dar uns pontapés no couro e acertar na baliza.

O seu destino, no desporto, porém era outro. Com quinze anos, começou a fazer figura no extinto clube de estudantes, o Olímpico, a jogar o pingue-pongue, mas sem espírito de competição. Mas quando se é bom, num jogo, logo se pensa aquilatar das suas possibilidades entre os melhores. Foi para o Sporting e ali não lhe faltou oportunidade nem estímulo para se tornar no bom jogador que é.

Mas não esqueceu o futebol... No final da época passada, o C. I. F. organizou mais uma vez um torneio interno de futebol. E do que se lembrou um grupo de desportistas — rãgistas, atletas, voleibolistas, etc., e do qual faz parte Sebastião Carvalho — que frequentam um café da Avenida da República, da firma «Sequeira e Sequeira»? Fizeram-se sócios da C. I. F. para disputarem o torneio!

Formou-se então uma bellissima equipa... de jogadores de modalidades díspares, como Canto e Castro, atleta e rãgista do C. D. U. L. e voleibolista do Lisboa Ginásio, Mário Pereira, internacional de andebol; Bandeira, pingue-ponguista do Técnico

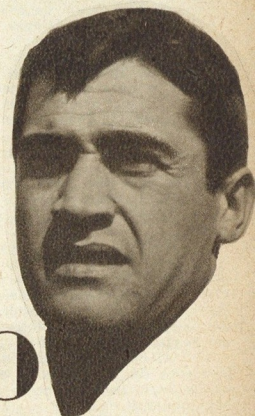
(Continua na página 32)



Lutando com Rial, do Real Madrid



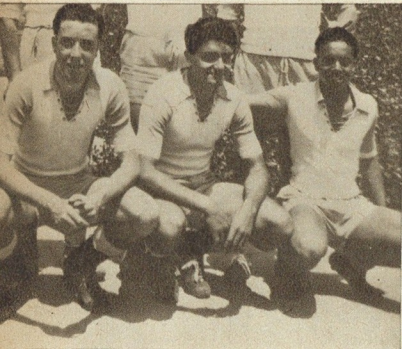
apresenta a história de



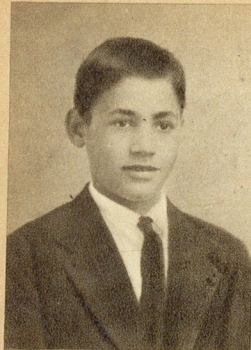
# RAUL

# FIGUEIREDO

o filho do famoso  
"Jamanqueiro"...



Há dez anos, quando aluno do Liceu Camões, tendo junto de si Beaumont e Sá Lima, categorizados rãgistas que hoje também fazem parte da equipa de futebol dos «Sequeiras».



Raul de Figueiredo, no ano em que o pai faleceu

— E em que dia festeja realmente o seu aniversário?  
 — «Oficialmente» nasci em 10 de Março de 1930. O melhor foi ignorar a minha verdadeira data do nascimento, e considerar só a que figura para todos os efeitos...  
 — ... inclusive na sua ficha de futebolista — acrescentámos.  
 E assim é. Temos assim Raul de Figueiredo uma semana e meia mais novo...

### INFÂNCIA AGITADA

— Conte-nos agora alguns pormenores da sua infância — pedimos ao categorizado «stopper» belenense.

— Também não posso ser muito preciso, pois andei em bolandas, de uma terra para outra...

E explicou:

— Como sabe, sou filho de Raul de Figueiredo, a quem chamavam «Tamanqueiro». Ora meu pai jogou em Huelva (Espanha), para onde fui com um mês de idade, em Olhão, no Porto, em Braga, Coimbra, Lisboa...

— Mas não se recorda de qualquer pormenor da sua infância; por exemplo quando se começou a interessar pelo pontapé na bola?

— Bem, em Olhão, recordo-me que jogava, com outros garotos da minha idade, no Largo da Feira. Clássica bola trapeira, claro...

E continuou:

— Lembro-me também de viver em Coimbra, perto da linha do comboio. No bairro do Calhabé, salvo erro...

— E acompanhava seu pai aos campos de futebol?

Na Casa Pia. À frente o Raul. Atrás o irmão Manuel, hoje jogador do Torriense

Um dos jogadores mais em foco neste princípio de época é o «capitão» do Belenenses, Raul de Figueiredo. Terminou a época transacta algo descrente das possibilidades, mas ressurgiu esta temporada na plenitude dos seus recursos, extremamente confiante e optimista

Ele próprio nos diz:

— A confiança vem do facto de toda a equipa estar moralmente robustecida e cheia de esperança neste campeonato. Além disso... têm-me dito que é aos 27 anos que o jogador atinge o auge da sua forma físico-técnica!...

### NASCEU EM 27 DE FEVEREIRO MAS FAZ ANOS A 10 DE MARÇO...

— Tem, então, 27 anos, não é verdade — e, assim, começou o longo interrogatório sobre a sua carreira.

— Sim, feitos em Março, ou por outra, em Fevereiro...

— Como?!

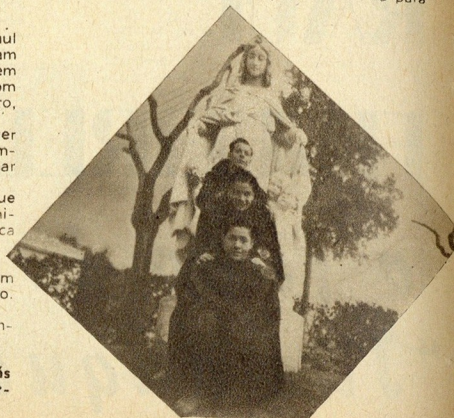
— Bem, é que eu nasci efectivamente em 27 de Fevereiro de 1930. Garante-mo a minha mãe e eu acredito. Simplesmente, por lapso ocorrido no Registo estou dado como tendo nascido em 10 de Março do mesmo ano.

— Oficialmente nasci em 10 de Março de 1930.

O melhor foi ignorar a minha verdadeira data do nascimento, e considerar só a que figura para todos os efeitos...

... inclusive na sua ficha de futebolista — acrescentámos.

E assim é. Temos assim Raul de Figueiredo uma semana e meia mais novo...



### No «team» de juniores do Belenenses

— Confesso-lhe que não me recordo. Devia ser muito raro... Apenas me lembro de uma vez em Braga e ver jogar e marcar golos, recebendo uma cabeçada que lhe cortou a língua. No final do jogo pregou uma tareia no autor da proeza. Recordo-me

perfeitamente de ver depois meu pai a ingerir leite por meio de uma borracha. Impressões que ficam retidas na memórias.

### A MORTE DE RAUL «TAMANQUEIRO»

— Tinha eu onze anos quando meu pai faleceu. Fui visitá-lo ao hospital. Ele sabia que ia morrer, pois a úlcera cancerosa não o poupava. Olhou muito para mim e disse-me para ser um rapaz com juízo e para me fazer um homem honesto.

— Não lhe falou em futebol?

— Não. Nessa altura não fazia a mínima ideia, decerto tanto ele como eu, de que seguiria a carreira de futebolista. Ah! Tenho a certeza, se meu pai fosse vivo tudo teria sido mais fácil para mim...

Uma pausa; que respeitamos. Depois, Figueiredo continuou:

— A morte de meu pai foi um golpe para a família. Ele, como jogador não teria ganho muito (se fosse hoje — pensámos...) mas teve vários negócios de camionagem e carros de aluguer. E embora nem sempre tivesse sido feliz nos negócios, vivíamos com relativo desafogo.

Figueiredo resumiu esse transe doloroso da sua vida. A mais a trabalhar na secretaria do Benfica. Os filhos menores espalhados pelas sec-



Raul Figueiredo — o «Tamanqueiro»



Feliciano e Figueiredo, que foram dois grandes rivais e sempre bons amigos



ções da Casa Pia — o Raul em Fina Manique, o Manuel (que foi aspirante do Benfica e está no Torriense) em «Nuno Alvares», o Adriano na secção infantil da Misericórdia de Lisboa e a Helena em Porto Brandão.

O Benfica — clube que «Tamanqueiro» tinha servido nos tempos áureos — promoveu uma homenagem póstuma que rendeu cerca de 40 contos e foram administrados por Jorge Vieira, antigo colega de equipa nacional.

O jovem Raul de Figueiredo esteve na Casa Pia até aos 16 anos. Frequentou o curso industrial até ao terceiro ano e especializou-se em mecânica de automóveis. Saiu para se empregar na Companhia Portugal e Colónias, secção mecânica, em Santo Amaro. Um dos colegas tinha uma irmã, de quem Raul se enamorou. Num ano estavam casados.

... Só depois Raul de Figueiredo se tornou junior de futebol!

#### QUANDO SE É FILHO DE UM JOGADOR CÉLEBRE

— Como se dedicou ao futebol, Figueiredo? — inquirimos.

— Minha mãe trabalhava na secretaria do Benfica e eu ia lá muitas vezes falar-lhe. Alguns sócios, sabendo que eu era filho do famoso «Tamanqueiro» perguntavam-me se eu também jogava futebol.

— E não jogava? Nem na Casa Pia?

— Não. Na Casa Pia joguei voleibol e pratiquei atletismo e ginástica, mas não futebol.

E prosseguiu:

— As perguntas tornaram-se tão insistentes (não faz ideia — a cada apresentação seguia-se invariavelmente a pergunta: «então você também joga futebol?») que eu resolvi experimentar...

— Como?

— Foi o Sr. Abílio, antigo contratador, velho amigo de meu pai que me levou ao Campo Grande, a um treino de juniores.

— O treinador era...

— Biri, e como adjuntos, sal-

Primeira viagem à Alemanha: de pé: Rocha, Sidónio, Sérgio e Feliciano. Ajoelhados: «Bravo», Frade, Aires Martins e Narciso. A frente: Raul Figueiredo

vo erro, Luís Xavier e Francisco Ferreira.

Resultado do exame? — Tinha de ser mau, fatalmente. Pois se, verdadeiramente, futebol a valer nunca jogara!

— Desistiu?

— Por uns tempos. Depois lá no emprego, um meu superior, sócio do Belenenses, Sr. Gonçalves induziu-me a faltar às Salézias. Lá fui...

— Resultado?

Figueiredo sorriu, num misto de ironia e amargura:

— Depois do treino de experiência percebi o Sr. Scopelli, então treinador, dizer para o dirigente Sr. Castêlo:

— Só me trazem cá tipos que não servem para nada!

— Isso foi duro de ouvir, não?

— Nem calcula o que eu senti! Mas foi bom saber? Enchi-me de brío e a partir de então, com permissão do clube, passei a treinar sozinho. Lia tudo quanto me falasse de futebol. Passava horas a atirar a bola contra uma parede, para a dominar depois. Depois consegui o mais difícil de entrada: um lugar no «team» de juniores.

#### A ASCENSÃO DE UM JOGADOR BRIOSO

— Em que lugar na equipa principiou?

— Primeiro como defesa direito, mas breve me fixei a defesa-central. Também fiz um jogo a avançado-centro, em Cascais, tendo marcado alguns golos, por sinal...

E prosseguiu:

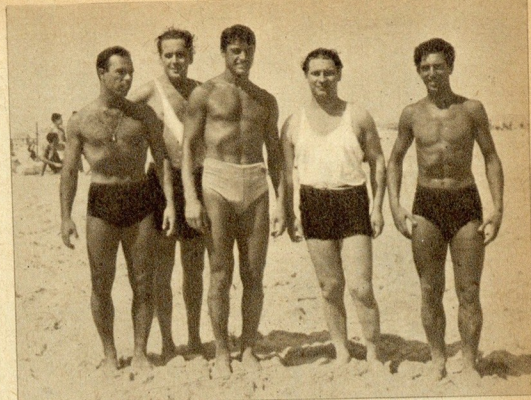
— Depois passei à reserva. Fui-me aperfeiçoando...

— Afinal sempre prestava para alguma coisa; Scopelli enganou-se... — comentamos.

— É verdade. Mas ele tinha razão. Só depois é que me fiz um jogador. Veja, porém; nunca estou satisfeito. Espero sempre fazer mais e melhor. Talvez eu esta época atinja o meu máximo...

Retomámos o fio à meada:

No «defeso», com Di Pace



Na praia, com amigos e o jogador do Atlético, Tomé (à direita)





Com **Pau de Almeida**, seu ex-colega de equipa, e no momento capitão do grupo adversário...

... e que podia voltar a ser seu colega, se **Figueiredo** sempre tem ido, como se prolapou, para o **V. Setúbal**, por troca com **Graça**, que se vê na gravura

- Quando jogou pela primeira vez no primeiro «team» do Belenenses?
- Foi na Alemanha. Não tínhamos defesa esquerdo, pois o Serafim ficara cá, para ser selecionado para um jogo internacional, e Rocha lesionara-se lá.
- Boa estreia?
- O treinador Riero Martini assim o considerou. Aliás empatamos a uma bola e havia razão para todos estarmos satisfeitos.
- E em jogo oficial, quando jogou no primeiro «team»?
- Foi no Bessa, contra o Boavista, tendo pela frente o antigo internacional espanhol, Aparício. Também me saí bem.
- Continuou no primeiro «team»?
- Não. Joguei porque o Feliciano se lesionara. No outro domingo fiquei no bancos dos suplentes.
- Prosseguindo:
- Só na época de 1953-54, depois de uma derrota do Belenenses no Barreiro que causou sensação, passei a ser o titular. Mais tarde ainda sofri um abaixamento de forma. Feliciano ainda fez alguns jogos, até que fiquei definitivamente «dono» do lugar.
- Mas na época passada...
- Por favor, não falemos nisso. Especulou-se um tanto a meu respeito. Tudo

passou. Encontro-me a caminho da minha época de sempre — e desejo de atingir enfim as minhas aspirações máximas: ser campeão nacional e «internacional»!

## O BELENENSES DE HOJE

Ponderadas as aspirações máximas de Figueiredo para esta época inquirimos:

— O que se passa com o Belenenses?

— Apenas a conjugação de uma série de factores até antes não conseguida. Excelente preparação físico-técnico-moral; maior compenetração do espírito de equipa e das possibilidades de cada um e no todo; maior compensação material; dirigentes compreensivos e que nos sabem estimular; um treinador que impõe a disciplina sem a gente a sentir.

E prosseguiu:

— Já tínhamos quase tudo isto, mas não tão perfeitamente conjugado como agora. Digo-lhe que, assim, é possível tirar todo o rendimento à equipa, até ao sacrifício!

Num desafio:

— Por mim falo; hoje praticamente vivo só para as minhas duas casas: o lar... e o Estádio do Restelo!

## O SONHO DA «INTERNACIONALIZAÇÃO»...

No futebol nacional existe apenas um caso de pai e filho terem sido «internacionais»: os Azevedos. Mas um na selecção A e outro na de «juniores».

Naturalmente, Raul de Figueiredo alimenta o sonho de ser «internacional» como seu pai o foi (o melhor médio-direito de Amsterdão, disse-se...).

Eis o que nos confiou Raul de Figueiredo:

— Há uma série de factores que influem na chamada de um jogador à selecção nacional. O principal, claro, é ser-se o melhor incontestado. Mas quando existem vários candidatos a um lugar, como é o meu caso, já depende muito do critério do seleccionador... e do próprio seleccionador!

Adiantou:

— Confesso que já me tenho debatido na dúvida se de facto já mereci ou não essa honra, porquanto reparo que o parecer do seleccionador destoa sempre que toda a crítica me elogia. Não será má vontade mas simples ponto de vista, todavia, assim, não chego lá...

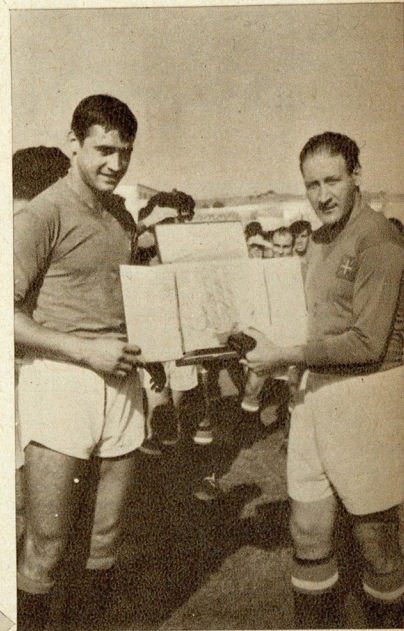
— Já foi convocado para as selecções B e de Lisboa... — observamos.

— Sim, e realmente tive pouca sorte, pois as lesões não me permitiram mostrar o que valho em selecções. Enfim, há que continuar a esperar...

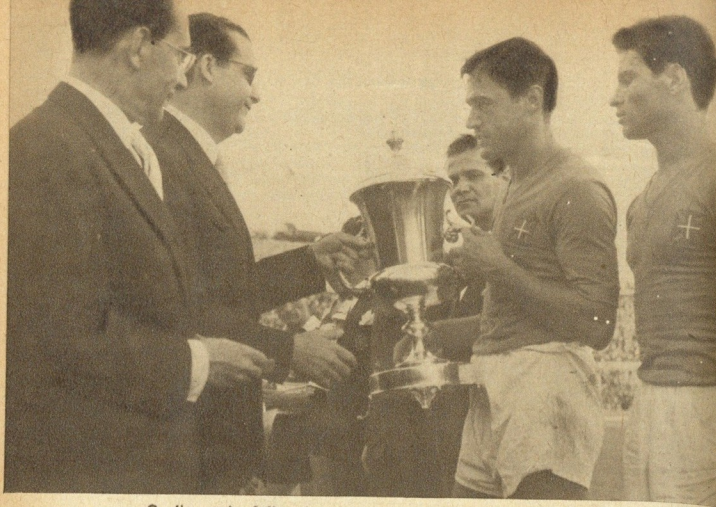
## AS MELHORES TARDES...

A fechar esta longa entrevista, inquirimos:

Festa de Serafim. Sucessão de capitães do Belenenses.







O dia mais feliz: inauguração do Estádio do Restelo

— Qual foi a sua tarde futebolística mais alegre?

— Foi no dia em que entrei pela primeira vez no Estádio do Restelo (na sua inauguração), como «cabitão» da equipa. Nunca me senti tão orgulhoso de ser futebolista e benelenses como nesse dia.

— Mas, tecnicamente, qual teria sido a sua melhor tarde?

— É difícil precisar... Talvez na «Taça Latina» em Paris, em que enfrentei Di Stefano. Ou no meu primeiro jogo no Estádio Nacional, em que empatamos 1-1 com o Benfica. Não sei, francamente.

— É a tarde mais triste?

— Essa ainda agora custa a recordar...

— Empate com o Sporting que lhes fez perder o título, não é verdade? É capaz de recordar esse lance «histórico»?

— Foi a quatro minutos do fim. Di Pace cometeu falta a meio campo. Travaços marcou o «livre» para Mokuna. Avancei para o congolês e ele rematou contra a minha perna direita, ressaltando a bola para o lado de Martins, que estava desmarcado, pois Pires, na ânsia de me ajudar, deixara-o em liberdade.

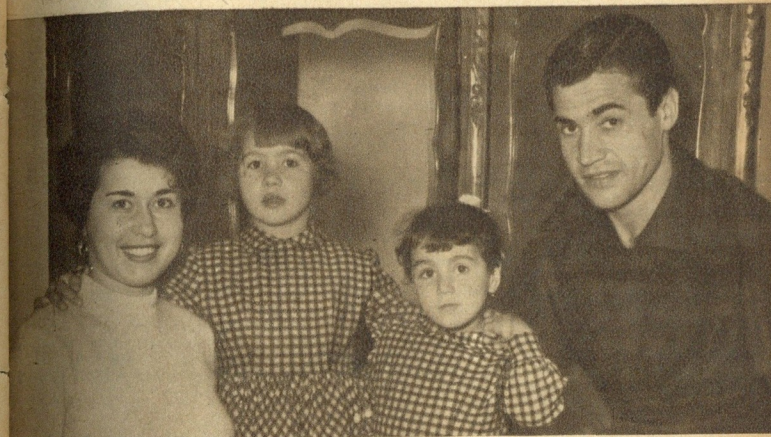


Uma família feliz

Figueiredo e Jaburu perseguem a bola



Lutando contra Puskas!



O Martins estava «of-si-de» mas como a bôla me batera na perna, estava em jogo quando rematou e fez o tento... Nem quero pensar na mágoa que senti...

Foi tremendo!...

Raul Figueiredo deixou-nos, pensativo, meditando, talvez no que estará reservado ao Belenenses esta época—se mais uma desilusão ou a satisfação de um sonho bonito.



Recebendo um galardete comemorativo da viagem ao Brasil, de um director de S. Paulo.

## SEBASTIÃO DE CARVALHO

(Continuação da página 22)

Fragoso, ragbista do C. D. U. L.; Francisco e Falcão, internacional em atletismo; Calças e Pina, internacional em atletismo e voleibol; José Belo, Octávio Rocha e Carlos Beaumont, ragbistas internacionais, etc..

Baptizaram a equipa com o nome de Sequeiras, em homenagem ao «café» que os reunia. O dono do estabelecimento, agradado pela ideia dos seus desenvolvidos clientes, prometeu-lhes oferecer-lhes um equipamento especial, se ganhassem o torneio.

Os rapazes do «Sequeiras», podem de futebol perceber pouco, mas o jeito natural para as coisas desportivas e a preparação física chegou e sobrou para cometerem a proeza: ganhar o torneio de amadores do C. I. F.!

Sebastião de Carvalho jogou a avançado-centro — e vimo-lo em certo jogo marcar um golo como mandam as regras...

Caso curioso: nesse jogo, o defesa central que o vigiava (os amadores também fazem marcação...) era nem mais nem menos do que Palha, «capitão» da equipa... de pingue-pongue do C. I. F.!

Sobre a sua inclinação para o futebol, Sebastião de Carvalho disse-nos:

— Agrada-me bastante jogar futebol. Confesso mesmo que me dá mais prazer do que muitos jogos de pingue-pongue...

— Nunca pensou dedicar-se a sério ao futebol?

— Não. Nem me interessava ser profissional de futebol. Custo de jogar, nada mais. Mas nem sequer aspirações de ser bom jogador eu tenho...

— Qual é o futebolista que V. mais admira?

— Travaços!

A terminar este apontamento sobre Sebastião de Carvalho, pedimos-lhe para nos contar o episódio que mais o impressionou na sua carreira.

— Foi o encontro com o Benfica, em que ganhámos o título jogando dois contra três, e eu doente.

«Estava de cama a contas com gripe, com 40 graus de febre, quando foram buscar-me a casa. Quase me incompatibilizei com a família, que não me queria deixar sair. Mas lá fui, longe de sonhar a proeza que obteríamos. Nem vontade tinha de comer, mas para não jogar ainda mais enfraquecido bebi um copo de leite e comi uma sande. Depois... foi o que se sabe...

— Como explica o seu feito?

— Não tem explicação. Nervos, fibra, sorte, eu sei lá...

De facto, não é fácil encontrar explicação lógica para os imponderáveis do desporto.

NESTE NÚMERO:

Imagens e números  
dos "duelos" Bele-  
nenses - Sporting

